

## **O Consumismo como Forma de Sucesso, em *Condenada*, de Chuck Palahniuk.**

Adelson Oliveira<sup>1</sup>

Prof. Dr. Thiago Martins Prado<sup>2</sup>

164

**Resumo:** A obra *Condenada*, de Chuck Palahniuk, retrata as faces das relações sociais nos Estados Unidos da América. No interpretar de tal obra, nota-se que essas relações sociais foram mediadas pelo nível das classes econômicas privilegiadas. A globalização econômica e cultural é um exemplo das disparidades dessas divisões sociais, haja vista que os interesses dos grupos mais favorecidos pelo capitalismo financeiro são impostos sobre as classes sociais menos favorecidas, tanto econômica quanto culturalmente, principalmente, através da mídia conservadora. Essa manobra é mais detalhada por Thiago Martins Prado, em seu artigo dedicado à análise econômica e política no romance de Palahniuk, intitulado de: *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada, de Chuck Palahniuk*. Peter Joseph apresenta várias formas de pensamentos voltados para esses domínios de venda/consumo e o aumento das desigualdades sociais em seus documentários: *Zeitgeist: the movie*; *Zeitgeist: addendum* e *Zeitgeist: moving forward*. Tendo esses dois suportes teóricos e ambos dialogando na linha de pensamento frente às disputas de *status* sociais, nota-se, na contemporaneidade, o intuito de gigantes corporativas de iludir as classes menos favorecidas a manterem determinados padrões de consumo, aprisionando-as na dívida e dissimulando-lhes uma ideia de sucesso social. Os interesses políticos, em grande maioria, corroboram para essa desigualdade e para sua permanência por longos períodos.

Palavras-Chave: Inferno; *Condenada*; Consumo.

**Abstract:** In *Doomed* of Chuck Palahniuk, portrays the social relations in the United States of America, in interpreting such work, it is noted that these social relations were developed by the level of the privileged economic classes. Economic and cultural globalization is an example of the disparities between these social divisions, since the interests of the bourgeoisie was imposed on the less favored

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Letras: Língua Inglesa e Literatura, pela Universidade do Estado da Bahia. Bolsista de Iniciação Científica Fapesb. [adelsonoliveiramendes@gmail.com](mailto:adelsonoliveiramendes@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia e atua como professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. [minotico@yahoo.com.br](mailto:minotico@yahoo.com.br)

social classes, both economically and culturally, and mainly through the conservative media. Thiago Martins Prado details these bourgeois manoeuvres more in his article dedicated to economic and political analysis in the Palahniuk novel, entitled: *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada, de Chuck Palahniuk*. Peter Joseph presents several forms of thinking directed to these domains of sale / consumption and the increase of social inequalities in his documentaries: *Zeitgeist: the movie; Zeitgeist: addendum and Zeitgeist: moving forward*. Having these two theoretical supports and both dialoguing in the line of thought in the face of social status disputes, it is noticeable in contemporaneity, aspects of these bourgeois classes to present themselves as models copied and in this way, deceiving the less favored classes to maintain certain standards of consumption, imprisoning and dissimulating them. Political interests, for the most part, corroborate for this inequality and its permanence for long periods.

Keywords: Hell; Doomed; Standard; Consume; Bourgeoisie.

## **INTRODUÇÃO**

Essa pesquisa propõe-se a avaliar aspectos do consumismo como forma de felicidade na modernidade, presente em *Condenada*, de Chuck Palahniuk. O autor utiliza de artifícios literários para expressar o ideal de padrão econômico nos Estados Unidos, mas que pode ser estendido por todo o mundo, visto da perspectiva de busca incontrolável da população, especialmente americana, em sempre manter a aparência socioeconômica através de seus consumos.

As corporações modernas estão determinando o que consumir de uma forma generalizada, a seguir nossos instintos influenciados pelo sistema capitalista e afeiçoar-nos à felicidade aparentemente sólida ditada por tal sistema. Palahniuk utiliza, como supracitado, de artifícios literários tais como: metáfora, metonímia, ironia e, principalmente, a prosopopeia para referenciar o estilo de vida imposto pelas corporações.

O capitalismo contemporâneo nos impõe uma ideia de liberdade como alienação inquestionável, ao passo em que é apresentado o consumo como padrão para vivenciar tal liberdade propagada pela força das mídias, onde são descritos modos imaginários e fantasmagóricos de se viver com

liberdade. A liberdade é unicamente consumir. Trabalha-se sobre a capacidade humana de pensamento e induz-se a adotar os últimos lançamentos da moda, telecomunicações e virtudes como únicas, tornando a liberdade obsoleta, ou seja, a importância da escolha individual e em grupo com base em suas necessidades, de forma autônoma.

Críticos como Peter Joseph, Thiago Martins Prado, Zygmunt Baumam, Joel Bakan nos fornecem opções de raciocinar tais influências capitalistas e pensarmos com mais autonomia sobre nossas necessidades e questionar ações que não corroboram ao avanço crítico da população idealizadora. Indicam fatores que impulsionam a população ao mais consumir, através das idealizações fixadas no pensamento popular por tal sistema.

Diante de tais influências e do despertar cognitivo de alguns críticos literários supracitados, adotam-se as ideias de Etienne de La Boétie, as quais implicam a revolução contra a independência de comando da minoria pela maioria. Frente à inconformidade e relato do consumo americano por Palahniuk e as ideias dos autores, principalmente, dos ideais revolucionários de La Boétie, essa pesquisa focou a indignação causada pela desigualdade praticada pelo mercado consumista, desde ambiental ao intelectual.

Grande parte da sociedade, incluindo os intelectuais e não intelectuais, desconhecem as ideais de liberdade postas por tal linha de pesquisa sustentada nos teóricos mencionados. A partir dessa pesquisa, nota-se a opção de escolha obsoleta, frente às influências capitalistas e o não despertar da população a tal circunstância.

## **2. MUNDO REAL E INFERNO ATRAVÉS DA METÁFORA UTILIZADA POR PALAHNIUK.**

A aproximação entre as duas noções de espaço, real e imaginário (sociedade consumista e inferno) é bem visível quando Palahniuk utiliza de sua capacidade intelectual para contestar os meios de telecomunicação. Quando, frente às metas de venda, as empresas de comunicação estabelecem uma forma de abordar seus clientes de maneira a negociar cada vez mais seus produtos, sempre ofertando-os, qualquer obstáculo na não aceitação do cliente implica ao mercado estabelecer lista de perguntas a manter seus clientes insistentemente a bordo da navegação.

No capítulo XIV, Palahniuk escreve utilizando a prosopopeia para relatar tal ocorrência:

Se a pessoa viva desliga, o computador me conecta com um novo número de telefone. Se a pessoa viva responder às minhas perguntas, o fluxograma me instrui a perguntar mais. Cada pessoa sentada aqui tem uma folha laminada com perguntas, mais perguntas do que você poderia contar. A ideia é se impor ao entrevistado, sempre tentando fazer apenas mais uma pergunta, por favor... até que o sujeito que deveria estar jantando perde a compostura, e tanto seu bom humor quanto seu jantar são arruinados (PALAHNIUK, 2013, p. 72).

Palahniuk trabalha com a noção de controle e determinação de tempo e espaço. Dentro da crítica, Joel Bakan se destaca quando aponta que as corporações controlam nossas vidas e tudo que fazemos nela: o que compramos, o que fazemos, o que buscamos, as relações que mantemos com outrem, o *status quo* nas paixões e conseqüentemente a busca de um amor idealizado sobre tais premissas. A intenção de Palahniuk é despertar de forma prática e mais próximo da realidade, com sua obra *Condenada*, aquilo que passa despercebido de nossos olhos e mente. Na citação acima, utiliza-se a definição de corporação definida por Bakan e que aproxima do relato feito pelo romancista, em *Condenada*. “Hoje em dia as corporações governam nossa vida. Determinam o que comemos, a que assistimos, o

que vestimos, onde trabalhamos e o que fazemos. Estamos inevitavelmente cercados por sua cultura, iconografia e ideologia” (BAKAN, 2008, p. 05).

A ideia de inferno trabalhada por Palahniuk é bem defendida pelo crítico literário, Thiago Martins Prado, em uma análise dedicada a obra *Condenada*, e que se sustenta na proposta dessa pesquisa. Prado diz:

O inferno é, desse modo, a confirmação punitiva para aqueles que não se realizam nas promessas esperançosas e imagéticas da Terra; e, como tais promessas aninhadas às imagens-padrão de sucesso não se sustentam para a maioria dos homens, a Terra acaba por ser o retrato do inferno (PRADO, 2016, p. 506).

Tal ideia é bem esclarecedora e ganha mais intencionalidade quando se depara com o gozo da mãe de Madison frente a teclas de computador a controlar suas casas, quem entra e quem sai, apenas com cliques Control+Alt e alguma outra tecla que finde o comando. Dessa forma, contempla a imagem-padrão acima destacada por Prado e coloca a situação da empregada, como exemplo desse público que essa imagem não alcançará. Prado também alerta para a disparidade entre público de consumo e sua real capacidade de aquisição de bens, os quais geram mais e mais dívidas. Cria-se uma ilusão quando esse público vira refém das corporações, conforme Bakan. Essas ditam o que deve ser praticado e seguido, além de criarem certo discurso de aumento da economia, ao passo que aumentam a dívida interna da população e do país.

Reluzindo ligeiramente no computador está o interior da casa em Milão, a sala de estar, com neve caindo do lado de fora das janelas grandes e, bem ao longe, segurando as teclas Control + Alt + W, minha mãe abre por completo as cortinas da sala de estar. Apertando as teclas Control + D, diminui as luzes por controle remoto, e nos sentamos, num trem ou num carro, ou a bordo de um jatinho alugado, para ver a bela vista de inverno através das janelas daquela casa vazia mostrada na tela do computador dela. Com as teclas Control + F, ela acende a lareira a gás, e ouvimos a quietude da neve italiana caindo e o crepitar das chamas pelo monitor de áudio do sistema de segurança. Depois disso, minha mãe entra no sistema da nossa casa em Cape Town. Então entra para ver a casa em Brentwood [...] Daí minha mãe

provavelmente daria uma risadinha, confabulando com as teclas Control + L para trancar uma empregada dentro de um banheiro a três continentes de distância, porque os azulejos não estavam brilhando como deveriam (PALAHNIUK, 2013, p. 05).

O comando é notável também no inferno. Talvez esses recursos tecnológicos facilitem em ações cotidianas necessárias, como o tratamento de doenças, etc, porém, nesse caso, a qual a mãe de Madison está inserida, demarcando sua posição no mercado de consumo e no ranking de aquisição desses produtos oferecidos pelo mercado, essas mesmas ferramentas utilizadas pela mãe de Madison podem estar sendo utilizada para aumentar a desigualdade entre as classes sociais, através da venda de produtos, sendo nas maiores ocorrências, o próprio corpo. É notável principalmente quando a protagonista do romance diz:

Sabe, o Inferno é responsável por cerca de 85% do total de conteúdo obsceno da internet. Os demônios apenas pregam um lençol úmido velho atrás para servir de cenário, jogam um colchão de espuma no chão, e você deve se desdobrar colocando lixo dentro de você e respondendo a chats em tempo real com pervertidos vivos pelo mundo (PALAHNIUK, 2013, p. 70).

As atividades realizadas por Madison durante todo o romance no inferno, representam a disputa constante na terra em alcançar o melhor posto, ser mais respeitado através da opressão, mais valorizado financeiramente e, conseqüentemente, alimentar a rotatividade da cadeia de consumo. Tais ações são, principalmente, impulsionadas pelo sistema capitalista, o qual a maior doutrina é diminuir o outro para ascender-se financeiramente no mercado de compra e posse.

O imaginário de inferno posto por Palahniuk é similar ao mundo real em suas variadas formas. A dissimulação dos interesses pessoais, a alienação praticada pela minoria que determina o que faz ou não se faz, sempre forçando a maioria a praticar aquilo que os levará à plenitude de realizações voltadas à dominação.

### 3. CONSUMO PADRONIZADO

O processo de consumo é abastecido por dívidas e juros, criando um processo de débitos que passa longe da capacidade de pagamento desses consumidores. Como destacado por Peter Joseph, em seus documentários: *Zeitgeist: the movie*, *Zeitgeist: addendum* e *Zeitgeist: moving forward*, as agências bancárias, são as que mais lucram com esse processo de dívidas. Esse processo de compras é explicado por Bauman como a busca constante do poder de compra e de mostrar aos nossos empregadores que as possuímos. “[...] Há muitas áreas em que precisamos ser mais competentes, e cada uma delas requer uma compra. Vamos às compras pelas habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que os temos” (BAUMAN, 2001, p. 96).

Quando Palahniuk (2013, p. 56) destaca a aparência física de Madison, “e, sim, tenho treze anos de idade, sou gorda e estou morta”, faz fortes críticas ao perfil estético adotado pela cultura ocidental. Ironicamente, esse padrão de consumo contribui para um processo paradoxal, destacado por Bauman, quando este afirma que gastamos dinheiro “pelas comidas deliciosas e pela dieta mais eficaz para eliminar as consequências de comê-las” (BAUMAN, 2001, p. 96). Bauman coloca em destaque o que Bakan alerta, como citado acima, que as corporações controlam nossas vidas.

Bakan adverte para a questão da privatização dos meios públicos, pois acredita que o governo é mais capaz de democratizar o acesso aos meios necessários à sobrevivência que o setor privado. Por meio do governo, é possível buscar o interesse social para além da maximização dos interesses e riquezas que regem tais corporações. Segundo Bakan, as pessoas acreditaram fielmente na solução de alguns valores que existiam e esperava-se que novos valores sociais seriam conquistados através das corporações, porém, segundo o autor,

Ela não conseguiu resolver, e na verdade agravou, alguns dos problemas mais prementes do mundo: a pobreza, a guerra, a destruição do meio ambiente, as doenças. E um crescente número de pessoas acreditam que a ganância

racionalizada e o egoísmo obrigatório devem dar espaço a valores mais humanos (BAKAN, 2008, p. 169).

Como aponta Etienne de Lá Boétie, em *Discurso sobre a servidão voluntária*, “[...] a alienação é demasiado doce e a liberdade demasiado amarga” (BOÉTIE, 2006, p. 3). Lá Boétie adverte sobre a dissimulação praticada pelos interesses do mercado capitalista, a qual retira a capacidade de escolha do sujeito e aprisiona-o em formas de pensamentos que consideram libertadores.

Bauman atribui culpa ao consumidor, pois se não estivessem mantendo a compra no ritmo da oferta, fatores impulsionadores como o querer não eram despertados nesses sujeitos.

Um estimulante mais poderoso, e, acima de tudo, mais versátil é necessário para manter a demanda do consumidor no nível da oferta. O querer é o substituto tão necessário; ele completa a libertação do princípio do prazer, limpando e dispondo dos últimos resíduos dos impedimentos do princípio de realidade: a substância naturalmente gasosa foi finalmente liberada do contêiner (BAUMAN, 2001, p. 98).

Essa característica consumista impacta sobre a felicidade humana, tornando superficial e com prazo de validade. O sociólogo polonês destaca que “muitos cairão em desuso bem antes dessa alta, apequenados, desvalorizados e destituídos de fascínio pela competição de ofertas “novas e aperfeiçoadas” (BAUMAN, 2001, p. 94). É tão implacável tal querer, que Lá Boétie já mencionava o domínio sobre a fragilidade humana, apontava para uma força superior ao homem, talvez mencionava a respeito do querer, da inveja, da busca pelo *status quo*. Dizia o filósofo, “tal é a fraqueza humana: temos frequentemente de nos curvar perante a força, somos obrigados a contemporizar, não podemos ser sempre os mais fortes” (BOÉTIE, 2006, p. 06).

Tal realidade destacada pelos autores acima seria evitável caso existissem bons governos, governos esses que impedissem a privatização dos meios de acessibilidade pela população, seria, por exemplo, como destaca Palahniuk em seu romance, a não privatização dos meios de comunicação, programas sociais de integração educacional, programas de intercâmbios, etc. Dessa forma, estaríamos distantes do objetivo de maximização das riquezas privadas, atualmente



escravizando as atividades humanas. Bakan adverte e apoia a crítica de Palahniuk, quando diz:

A regulação governamental, ao contrário das relações baseadas no mercado, combina autoridade, capacidade e legitimidade democrática para proteger os cidadãos das más ações das corporações. Por meio dela, os governos podem buscar valores sociais que ultrapassem os meros objetivos de maximização dos interesses e das riquezas que ditam os comportamentos de corporações e mercados (BAKAN, 2008, p. 181).

O estágio em que se encontravam as corporações e o que elas proclamam estão, atualmente, fazendo fortes referências a George Orwell e Aldous Huxley, quando descrevem sociedades distópicas e findam mundos com perspectivas totalmente diferentes. Como destaca Bauman, “o de Orwell era um mundo de miséria e destituição, de escassez e necessidade; o de Huxley era uma terra de opulência e devassidão. De abundância e saciedade” (BAUMAN, 2001, p. 70).

Tais perspectivas de Huxley, encontram-se quando compara-se a desigualdade social causada pelo mercado capitalista. Chega-se ao mundo imaginado por Huxley sobre perspectivas daqueles que controlam a maioria.

O que eles compartilharam era o pressentimento de um mundo estritamente controlado; da liberdade individual não apenas reduzida a nada ou quase nada, mas agudamente rejeitada por pessoas treinadas a obedecer a ordens e seguir rotinas estabelecidas; de uma pequena elite que manejava todos os cordões (BAUMAN, 2001, p. 71).

Huxley apresenta uma visão de mundo com abundância e saciedade, mundo esse possível apenas na realidade daqueles que controlam, a dita corporação de Bakan. O mundo de Orwell é apresentado na perspectiva do dominado, do oprimido: um mundo de escassez, miséria e falta de liberdade. O mundo apresentado por Orwell são as esperanças de revolução perdidas em La Boétie. Em Huxley, é a comodidade como destruição da perspectiva de revolução frente àqueles que dominam.

As concepções de mundo apresentada por ambos os visionários distópicos, criam a realização do vazio, onde a disputa pelo melhor lugar cria apenas

desconforto. Esse melhor lugar pode ser entendido como a “melhor” marca consumida e a “melhor” estética corporal. Para a satisfação desse querer, trabalhado por Bauman, as corporações estão sempre impulsionando a sempre termos algo a comprar, seja,

[...] pelos modos de obter o amor do amado e o modo menos custoso de acabar com uma união quando o amor desapareceu e a relação deixou de agradar; pelo melhor meio de poupar dinheiro para um futuro incesto e o modo mais conveniente de gastar dinheiro antes de ganhá-lo; pelas comidas deliciosas e pela dieta mais eficaz para eliminar as consequências de comê-las; pelas mais poderosas sistemas de som e as melhores pílulas contra a dor de cabeça (BAUMAN, 2001, p. 96).

Palahniuk trabalha em seu romance a progressão metafórica entre as corporações e o uso de nomes diabólicos para ilustrar a posição destas no mercado consumista: a competição entre o mercado capitalista para a melhor marca vender, a maior quantidade e melhor forma de alienar aqueles que na escada rolante se encontram, aguardando pela melhor altitude, o melhor andar com as melhores marcas e as melhores ofertas. O romancista estadunidense escreve:

À frente, ergue-se o céu alaranjado flamejante, e, abaixo, ramificando-se em cânions menores ao longe, vislumbramos comunidades de celas onde colegas de almas condenadas sentam-se em desolação asquerosa e permanente. Conforme vagamos, Leonard continua a recitar os nomes dos demônios que podemos encontrar: Mevet, demônio judaico da morte; Lilith, que rouba crianças; Reshev, demônio da praga; Azazel, demônio dos desertos; Astaroth... Robert Mapplethorpe5... Lúcifer... Beemonte... (PALAHNIUK, 2013, p. 37).

O que Palahniuk também alerta é para o que Lá Boétie (2006, p. 54) disse há quatro séculos e meio, “a borboleta que, esperando encontrar algum prazer, se atira ao fogo, vendo-o luzir, acaba por ser vítima de uma outra qualidade que o fogo tem: a de tudo queimar”, apontando para não adotar aquilo que possivelmente trará o que Prado afirma, “[...] o mecanismo do agigantamento do exército de consumidores é derivado da fundamental geração de débitos e juros

que, invariavelmente, retroalimenta a criação de mais moeda para pagá-los e disfarça o crescimento da economia” (PRADO, 2016, p. 510).

No protesto feito por Palahniuk, em seu romance *Condenada*, nota-se a exposição do grau de consumo desenvolvido pelos estadunidenses: o quanto atribuem felicidade ao poder de consumo, como Prado destaca, quanto maior o consumo, maior a felicidade.

O romance *Condenada*, nesse ponto, explica que ao cidadão dos EUA a liberdade somente pode ser imaginada pelo seu poder de consumo. Quanto mais consumo, mais liberdade – essa mesma lógica, todavia, encarcera o indivíduo e o Estado em seu endividamento de proporções geométricas (PRADO, 2016, p. 511).

No final do romance, nota-se uma certa comodidade de Madison, quando menciona que “a única coisa que faz a Terra parecer um Inferno, ou o Inferno parecer um Inferno, é a expectativa de que deva ser um Paraíso. A Terra é a Terra. Morto é morto” (PALAHNIUK, 2013, p. 167). Tal comodidade é uma aversão ao princípio norteador revolucionário de Lá Boétie, quando trabalha para o conhecimento da submissão humana e posterior sua superação nesse fato, ou seja, conhecer o que se entende por paraíso, inferno e terra, buscando a superação de ideologias que caracteriza tal como tal.

Bakan também trabalha a ideia de refazer a corporação, refazer de uma forma não psicopata, pois como o mesmo pauta em sua obra, o público alvo está cada vez maior e cada vez mais desconfiante da corporação e atribui culpa por enquadrar-se no *status quo* de dominação e tal desconfiança ocasionada pelo grau de exigência está fazendo que tais corporações percam méritos.

Agora as corporações governam a sociedade, talvez mais do que os próprios governos; ironicamente, ainda assim é seu próprio poder, muito do qual ganha por meio da globalização da economia, que os torna vulneráveis. Assim como acontece com qualquer instituição dominante, a corporação agora atrai desconfiança, medo e exigência de responsabilidades de um público cada vez maior (BAKAN, 2008, p. 29).

Vencer tamanha ideologia capitalista será um processo bastante árduo e complexo, haja vista que se trabalha com questões culturais e abordar tais assuntos sem preparação antes de suas efetivações, causará um desequilíbrio às duas faces: consumidor e vendedor, a qual o empregador sempre vencerá por motivos puramente econômicos. Porém, se elaborado e planejado, terá grandes possibilidades de despertar, principalmente, o centro acadêmico em formação para tais fatos e, a partir disso, questionar o restante da sociedade sobre tais virtudes. Como fez Bakan, ao afirmar que, “[...] as corporações são nossa criação. Elas não têm vida, poderes e capacidades além das que nós, por meio dos governos, lhes damos” (BAKAN, 2008, p. 199).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os críticos trabalhados nessa pesquisa contribuem significativamente para o despertar crítico frente às alienações causadas pelas corporações que dominam absolutamente nossas mentes enquanto ao desejo oculto de posse, ou seja, o desejo e o querer destacado por Bauman, são inerentes ao homem, haja vista que são motivados por tais. Porém, tais características inerentes às situações humana estão tão expostas que, como destacou Bakan, as corporações estão impondo hábitos jamais vivenciados em nós, tudo em nome do superfaturamento.

As corporações são criações da própria população, mas a maioria desta desconhece tal noção apresentada nessa pesquisa e, diante disso, destaca-se os ideais revolucionários de Lá Boétie, principalmente, à visão de mundo representado nos ideais comunista por Orwell, ou seja, não existiria tamanha servidão voluntária, pois os bens seriam de domínio coletivo. O mundo onde tudo é controlado, tudo se vê, rastreia e possível de compra, como destaca Prado; o mundo onde comodidade só perece; o mundo o qual a minoria poderosa economicamente faz o que querem em nome de suas riquezas, mesmo que inflijam direitos constitucionais. A comodidade pode ser retirada da obra de Huxley, os habitantes daquele lugar trabalhado em *Admirado Mundo Novo*, contentam-se apenas em manter a produção de sua linhagem e o restante torna-se desnecessário e sem importância. Todos esses contextos são possíveis de interpretações através de *Condenada*, de Palahniuk, a qual se destaca sua importância às questões atuais da literatura e seus mecanismos de expressões.

### **REFERÊNCIAS**

BAUMAM, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAKAN, Joel. **A corporação**: a busca patológica por lucro e poder. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.

BOËTIE, Étienne de Lá. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: Edipro, 2017.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Rio Grande do Sul: Editora Globo Porto Alegre, 1979.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PALAHNIUK, Chuck. **Condenada**. São Paulo: LeYa, 2013.

PRADO, Thiago Martins. **Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada, de Chuck Palahniuk**. REMATE DE MALES, v. 36, p. 503-521, 2016.

ZEITGEIST, the movie. Direção: Peter Joseph. Produção e Distribuição: Estúdio GMP.

Comentarista: Peter Joseph. Estados Unidos, 2007. 1 DVD (119 min), widescreen, color.

ZEITGEIST: addendum. Direção: Peter Joseph. Produção: Zeitgeist Films. Distribuição: zeitgeistmovie.com. Comentaristas: Peter Joseph, Jacque Fresco, Roxane Meadows, John Perkins e outros. Estados Unidos, 2008. 1 DVD (123 min), widescreen, color.

ZEITGEIST: moving forward. Direção e Produção: Peter Joseph. Distribuição: GMP LLC. Comentaristas: Peter Joseph, Jacque Fresco, Roxane Meadows, Ashton Cline, Robert Sapolsky, Adrian Bowyer, Colin J. Campbell, James Gilligan, Gabor Maté e outros. Estados Unidos, 2011. 1 DVD (162 min), widescreen, color.